

Nairóbi, 1 de Maio de 1994

Escreves-me, com alegria, falando-me das tuas próximas férias. Dás-me um pouco as tuas movimentações e convidas-me a passar pela tua casa, se puder, caso vá a Portugal, em Agosto. Falas-me, sobretudo, da promessa que tens de ir a Fátima para agradecer a Nossa Senhora algumas graças que te tem concedido. A tua vida tem passado por momentos de grande sofrimento e a devoção a Maria diz-te que bates a bom porto, quando recorres à sua protecção. Sabes que foi assim ao longo da história cristã. Disse-te uma vez que a oração mais antiga que conhecemos, dirigida à Virgem, é aquela que recitamos muitas vezes: "Sob a tua protecção...". Seria anterior ao ano 300.

Creio que em tua casa falámos alguma vez do fenómeno "Fátima" na História da Igreja Portuguesa contemporânea. Nessa altura não deixámos de falar das promessas que são uma constante na piedade popular que tanta gente portuguesa vive e pratica. São uma constante, de facto, na vida de todos os peregrinos de Fátima. És um exemplo do que estou a dizer. Lá irás cumprir a tua promessa. Há pessoas que usam uma expressão que não me agrada, de maneira nenhuma. Dizem que vão "pagar" a sua promessa. Uma promessa não se paga: cumpre-se, realiza-se.

Às vezes, achavas-me um pouco duro porque entendias que eu era "*contra as promessas*". Compreendias-me mal, porque a promessa está continuamente presente na Bíblia. No começo, no fim e no meio. A história do nosso pai na fé começa com uma promessa de Deus: "*Farei de ti um grande povo... e todas as famílias da terra serão em ti abençoadas*" (Gn 12, 2-3). E a Bíblia termina com outra promessa: Deus enxugará as lágrimas do seu povo, nele não haverá mais morte e há-de dar-lhe de beber gratuitamente (cf Ap 21, 4.6). Entre esses dois extremos podíamos encontrar na Bíblia muitas outras promessas de Deus ou de pessoas voltadas para Deus na sua pobreza ou em atitude de acção de graças. Lembremos apenas dois exemplos:

- a) O voto (promessa) de Ana para obter do Senhor um filho varão (cf 1 Sam 1, 11)
- b) O Livro da Consolação ou do Emanuel (cf Is 7-12) que, no seu conjunto pode ser considerado uma promessa referida à vida do Messias. Is 7, 14 fala do sinal que realizará a promessa: "*A jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome do Emanuel*".

O que acontecia nas nossas "discussões" é que eu era contra certo tipo de promessas que se vêem em Fátima. Nomeadamente aquelas que podem fazer mal à saúde, porque ferimos o corpo. Mesmo a peregrinação em si que nos deixa os pés em sangue não deveria ser feita. Se queremos honrar a Deus, mesmo que seja através de uma promessa, não podemos fazê-lo contra a nossa saúde, contra o nosso corpo. O primeiro mandamento é bem claro quando diz que devemos amar a Deus e ao próximo **como a nós mesmos**. Se compreendemos bem este mandamento, está claro que nos devemos amar a nós mesmos, na totalidade da nossa pessoa, portanto, também o nosso corpo. Não podemos amar a Deus e ao próximo, quando maltratamos o nosso corpo.

Tirando isso, aceito as promessas e a piedade popular como meio de exprimir a nossa religiosidade, a nossa relação com Deus. Sei, aliás, e isso me agrada muito, que há toda uma educação feita nas paróquias, ou sugestões que vêm do próprio santuário de Fátima que tende a "humanizar" as promessas, a corrigir algumas ambiguidades que a piedade popular possa ter. É verdade que antes de sublinhar qualquer ambiguidade devemos salientar o positivo das devoções populares: elas manifestam uma sede de Deus, sobretudo das gentes simples das nossas aldeias. Em geral são celebrações ricas de símbolos, que unem, em grande alegria, as gentes de um povo. Por isso se fala de festa onde se expressa sempre, de uma maneira ou de outra, uma grande criatividade.

Muitas das sugestões a que me referia são um convite a mudarmos ou a evitar promessas em que ferimos o nosso corpo em outro tipo de promessa, como uma leitura mais frequente da Bíblia, uma prática mais frequente da esmola, uma atenção mais pronta aos doentes e aos pobres, a caridade, em geral, como atitude mais presente na nossa vida cristã. Este tipo de promessas e a catequese que as propões deveriam ser mais divulgados nas paróquias.

Há outra razão que me leva a respeitar e a viver com alegria a piedade popular: são as minhas origens. Nas minhas aldeias da infância, acompanhado de meu pai, participava sempre nas festas dos seus padroeiros. Era assim em Matela, aldeia onde nasci, na festa de Santo Antão e de Santa Marinha; em Carção, aldeia de meus pais e onde meus pais me registaram, na festa de Nossa Senhora das Graças; em Santulhão, aldeia onde praticamente vive toda a minha infância e fiz a escola primária, na festa de São

Lázaro. A que mais me marcou das três foi, sem dúvida, a de Nossa Senhora das Graças de Carção. Mas em todas elas ainda hoje, se posso, gosto de participar. Participo na Missa e na procissão, sem vergonha e sem timidez, apesar de ter feito tantos estudos. A procissão é um acto de piedade popular, uma bela manifestação pública de fé. Por que ter medo de mostrar a fé que nos anima numa comunidade que caminha?

Em tua casa, além das promessas, falávamos também da piedade popular, em geral. Dizia eu que ela pode conter algumas ambiguidades. Devemos estar conscientes dessa possibilidade. É precisamente neste momento em que te preparas para ir a Fátima cumprir tua promessa integrada na peregrinação dos emigrantes que se realizará no dia 13 de Agosto que vou partilhar contigo, de uma maneira um pouco mais formal, mas ao mesmo tempo muito espontânea, aquilo que algumas vezes dissemos em tua casa, em companhia, aliás, de outros amigos nossos.

Gostava de te dizer, Silvana, que não sou eu o único a falar da riqueza das devoções populares, sem deixar de referir certas desvios que as podem empobrecer muito. Um grande Papa do nosso tempo, Paulo VI, afirmou isso mesmo, num documento que ficou famoso e que se chama *Evangelii Nuntiandi* (= Anunciar o *Evangelho*; o título oficial é: *A Evangelização no mundo contemporâneo*). É um documento relativamente antigo: foi publicado em 8 de Dezembro de 1975. Mas é ainda profundamente actual. O documento não tem medo de afirmar que a religiosidade popular é um aspecto da evangelização ao qual não podemos ser indiferentes. Um bom extracto do nº 48 explica o pensamento do Papa:

"A religiosidade popular, pode-se dizer, tem, sem dúvida, as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam por exemplo as superstições. Depois, permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Pode, ainda, levar à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunidade eclesial.

Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo perante uma pedagogia da evangelização, é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; torna as pessoas capazes de terem rasgos de generosidade e predispõe-as para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Suscita igualmente atitudes interiores que raramente se observam algures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida quotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, de bom grado lhe chamamos "piedade popular", no sentido de religião do povo, em vez de religiosidade".

Então, com o pensamento do Papa na cabeça, de uma maneira simples, mencionaria os seguintes valores nas manifestações de piedade popular. No fundo, explicitam desenvolvendo, de um modo pedagógico, o pensamento do Papa.

- a) Mais do que o bispo ou o padre ***é o povo, no seu conjunto, que é o protagonista nas manifestações de piedade popular.*** Basta lembrar as procissões das nossas festas, a peregrinação a Fátima em que irás participar. O padre ou o bispo aparecem, mas como que se perdem no conjunto do povo que celebra, que peregrina. O povo faz a procissão, a peregrinação. O padre e o bispo presidem à Eucaristia, mas participam nestas celebrações como elementos do Povo de Deus. Embora tenham um papel muito específico não deixam de ser membros do Povo de Deus. São povo com o povo.
- b) ***Cria um certo sentido da igualdade entre todas as classes sociais.*** Nestas celebrações populares convivem, sem problemas de qualquer espécie, gentes das mais variadas condições sociais. Neste sentido cria-se um ambiente de fraternidade e até de solidariedade para com os mais pobres. Sei que o Santuário de Fátima aplica algum dinheiro das esmolas em projectos sociais. Em muitas aldeias (não em todas infelizmente!) algum dinheiro da festa é investido em projectos sociais da paróquia, na melhoria da Igreja ou de outras pertenças da paróquia.

- c) Há uma ***colaboração apreciável, quando não importante, das forças vivas da paróquia na preparação da festa***, tanto nos seus elementos civis como nos seus elementos religiosos. Na minha aldeia de Carção vi, muitas vezes as minhas tias, com outras mulheres da aldeia, a preparar os andores, a limpar a igreja, a ornamentar os altares. A festa era de todos e muitos participavam com o seu tempo e trabalho para o brilho da festa, para a beleza e o colorido da procissão.
- d) ***São uma manifestação pública de fé***. Para mim, este é o elemento mais forte que me leva a participar nas procissões em honra de Jesus, de Nossa Senhora e dos santos. Em Friburgo, no dia do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que normalmente chamamos a festa do Corpo de Deus (nome de que eu não gosto muito) nunca deixava de participar na procissão, embora estivéssemos num meio universitário. A ciência e o estudo da Teologia (no meu caso) não se opõem a esta manifestação popular da fé.
- e) ***As imagens e os ritos***, parte integrante das procissões e das manifestações populares de piedade, ***constituem para as gentes simples das nossas aldeias uma autêntica catequese visual***. Esta "exterioridade" pode aprofundar a vivência religiosa e a torná-los muito próximos de Deus, mesmo se não têm grandes conhecimentos do Evangelho escrito. Neste aspecto, lembro-me sempre da minha tia Luisa, em Rabal, (aldeia perto de Bragança), onde, algumas vezes, assisti à festa de São Bartolomeu, no dia 24 de Agosto. Pela idade, já não podia ir à Igreja. Quando a procissão passava à frente da varanda da sua casa e olhava com devoção e veneração a imagem dos santos, eu ficava admirado pelo seu recolhimento, pela sua oração. Não tinha dúvidas de que estava intimamente unida a Deus. Estes símbolos religiosos externos oferecem à gente simples uma compreensão afectiva de Deus que a Teologia e até mesmo a liturgia nem sempre lhe trazem.
- f) ***A dimensão festiva das manifestações populares de fé*** é outro elemento que cala fundo no coração do povo. O encontro, a alegria, o colorido das procissões, a música das bandas, os cantos, tudo isso faz da celebração uma celebração rica em símbolos que o povo facilmente capta no seu sentido e na sua profundidade. O povo encontra na festa a força para ultrapassar as dificuldades de mais um ano de luta e de dificuldades. Renova-lhe a esperança para uma nova caminhada que vai começar... até à próxima festa. Ao mesmo tempo a festa é o momento da expressão de uma solidariedade profunda entre as pessoas, o momento da expressão da amizade traduzidos no abraço e no beijo amigos. Este é dos aspectos principais que me leva, quando posso, à festa das minhas aldeias: rever a família e os amigos. A festa torna-se, assim, o momento do re-encontro, da convivência humana, do abraço amigo, do calor da amizade, depois de tanto tempo de separação.

Todos estes valores, Silvana, não deixam de esconder alguns contravalores, aos quais devemos prestar muita atenção. De outra maneira, podem esvaziar de sentido o conteúdo religioso que pretendemos celebrar de tal maneira que não chega a ter influência duradoura na nossa vida. Aponto alguns desses contravalores que será necessário purificar.

- a) Podemos encontrar na piedade popular, com relativa frequência, ***uma separação entre fé e vida***. Isto é, a piedade popular é um recurso para determinados momentos do ano, as mais das vezes quando nos sentimos em necessidade ou aflição, mas para o resto do ano praticamente não tem influência nenhuma na nossa vida, nas relações familiares, laborais ou sociais.

- b) Como consequência do aspecto anterior, muitas pessoas, embora com grande piedade individual, ***pouco se comprometem na vida da paróquia***. O que importa é a sua vida religiosa, as suas manifestações privadas de fé. A vida litúrgica da paróquia, a participação nos sacramentos e nos mais variados movimentos (sociais, caritativos, culturais, catequéticos...) é muito fraca ou nula. O ideal seria uma boa integração entre a vivência da piedade individual e a participação na vida comunitária da paróquia.
- c) Os pontos anteriores são fruto, no meu entender, ***de uma formação religiosa deficiente***. Penso, de um modo particular, na formação catequética. Mas podia também referir a formação bíblica. Muitas vezes, a catequese nas paróquias é relegada para a infância e não tem continuidade, através de momentos de formação, na vida adulta. A formação bíblica é quase inexistente. Nestas condições uma implicação mais profunda na vida da paróquia torna-se muito difícil. Não nos comprometemos facilmente naquilo que não conhecemos, muito menos naquilo que não amamos por falta de conhecimento.
- d) ***Os elementos culturais e rituais tornam-se quase obsessivos***. Este elemento conduz a uma fraca consistência dos anteriores. Facilmente nos agarramos demasiado a formas exteriores de culto, sem que toquem, na verdade, a interioridade da nossa vida religiosa (ponto a). Ficam assim relegados para segundo plano, em virtude desses aspectos meramente exteriores, a catequese e a formação bíblica (ponto c) e os elementos caritativos da paróquia (ponto b).
- e) ***A piedade popular corre o risco de se tornar uma piedade interessada*** se não prestamos atenção a outros pontos de formação religiosa já mencionados e a outras expressões de piedade mais litúrgica ou comunitária. Por outras palavras, podemos instrumentalizar a religião de acordo com os nossos interesses ou as nossas necessidades. O que conta na nossa oração (melhor dito, na nossa devoção) é o nosso interesse imediato e, uma vez conseguido o favor que pedimos, por cumprimento da nossa promessa ou da nossa oração, esquecemos depressa o "santo", para me exprimir assim, com certo humor.
- f) ***A piedade popular, levada ao extremo, pode multiplicar, na nossa vida de oração, os mediadores religiosos***. De uma maneira simples: podemos recorrer a muitos santos e a Nossa Senhora, sob os mais diversos títulos, e acabamos por nos esquecer ou prestar pouca atenção ao único mediador que é Nosso Senhor Jesus Cristo.
- g) Por fim, a piedade popular, se não for bem esclarecida, ***não está isenta de um certo grau de fanatismo onde se busca, de forma excessiva, a emoção e o sentimento***. Estes aspectos, também exteriores, podem não ser acompanhados de uma verdadeira atitude e de um esforço continuado dirigido para uma autêntica conversão do coração.

Silvana, se temos presentes, de uma maneira consciente, estes valores e contravalores que acabo de mencionar, estamos no bom caminho, para vivermos da melhor maneira a piedade popular. Eu não a descuido, porque seria negar as minhas origens. Mas tento colocá-la no devido lugar, para que não faça

definhar em mim outras formas de oração que nos ajudam a aprofundar a relação com Cristo: estou a pensar na oração litúrgica, na prática dos sacramentos, na oração bíblica, nos retiros pessoais.

Deus fala-nos de muitas maneiras, há várias formas de oração para exprimir a nossa relação e intimidade com Deus. O trabalho de purificação é sempre necessário, para não cairmos em extremos indesejáveis e em formas de rotina que esvaziam a oração da consciência da relação pessoal com Deus para se tornarem repetições de fórmulas que não tocam o coração no seu caminho para Deus. Se for feito, a piedade popular só tem a ganhar. Não há razão então para não estarmos abertos às diferentes formas de piedade popular com a consequente valorização dos seus gestos e dos seus símbolos. E com a aceitação da cultura popular que lhe está subjacente.

Gostaria agora de dizer alguma coisa mais concreta e mais pormenorizada sobre a devoção popular a Nossa Senhora já que dentro de dias irás em "peregrinação a Fátima cumprir a tua promessa" com dizes na carta.

Em primeiro lugar, de uma maneira geral, é a gente simples que se encontra à vontade neste tipo de oração. Sem excluir ninguém, foi à gente simples que Jesus se dirigiu, de um modo especial. Jesus sentia-se bem no meio dos doentes, dos pobres, dos pecadores. É a gente simples, de bom coração, que continua a escutar os apóstolos. O mesmo se passou com Paulo: as comunidades que fundava eram constituídas por gente comum, gente simples igual à de tantas das nossas aldeias e vilas. Temos um claríssimo exemplo onde ele é recusado, riem-se dele e dizem-lhe que o escutarão para a "próxima vez" (Ac 17, 32; cf 17, 22-34). Mas quem o recusa são, precisamente, os intelectuais de Atenas que tinham altares dedicados a todos os deuses. No decorrer da história cristã, são também as gentes simples, que mais se sentirão à vontade nas expressões da piedade popular.

Em relação a Maria, sabemos que a expressão "Nossa Senhora" apareceu no século XII para designar a mãe de Jesus. Era a época dos cavaleiros e da mulher idealizada. Maria era sobretudo invocada nas batalhas e, em sua honra, constroem-se então belíssimas catedrais, escrevem-se cantos e textos literários de grande beleza. A muitas cidades dá-se o seu nome. Nesta altura é vista sobretudo como Rainha cheia de majestade. Tem sempre o seu Filho nos braços e ninguém duvida do seu poder de intervenção. A oração que recitamos tantas vezes da Salve Rainha foi escrita por Ademar Monteil, pregador da primeira cruzada, no século XI.

Rainha era pois o nome mais comum dado a Maria. Compreendemos bem que este nome que hoje nos parece tão pomposo e até arcaico, não criava, na altura, nenhuma distância em relação a Maria. (1 Chamada: Mesmo hoje, se compreendemos bem esse título, não há razão para "termos medo" dele, ou para recarmos invocá-la sob esse nome. Escrevi toda uma meditação em honra de Nossa Senhora a partir do Ofício da festa de Nossa Senhora, Rainha que se celebra no dia 22 de Agosto. É o VI Volume da série que continuo a escrever com o título Bilhetes para Deus. Ao escrever essa meditação, descobri uma riqueza da qual não suspeitava em relação a Maria, mesmo invocada sob esse título. Bem compreendido pode ser um título muito rico e muito actual. Esse título aplicado a Maria, não pode ser dissociado da paz e da justiça. Ela é a Rainha da Paz, a Rainha da Justiça). Era, antes, um título carinhoso onde o povo lhe mostrava dependência, entrega, dedicação e serviço. De facto, Maria torna-se o símbolo mais potente e popular nos últimos mil anos do ocidente cristão. O povo exprime a sua fé em relação a esta mulher única numa linguagem familiar e simples. É a linguagem que o povo compreende e através da qual capta o mistério de Maria no história da salvação.

Dizê-la Rainha, por parte da gente simples, é não esquecer o seu cântico do Magnificat. Aí, sem excluir ninguém, Maria exalta os pobres, os simples, os que são ignorados pelos ricos que "serão despedidos de mãos vazias" (Lc 1, 53). É vê-la ainda junto a seu Filho, Cristo Rei, dona e senhora de tudo o que foi criado. É um título que não implica distância, como vimos. Pelo contrário, diz presença protectora, misericordiosa, maternal. Ela é presença neste "vale de lágrimas", está pronta a escutar as súplicas dos seus filhos. E Maria oferece assim a possibilidade aos seus filhos de a venerarem de tantos modos que eles verdadeiramente gostam: festas, procissões, romarias, tríduos, novenas, meses que lhe são dedicados, aldeias que a escolhem como patrona. Com ela e por sua intercessão, vivem a conversão, perdoam e são perdoados, sentem-se amados por ela e, por isso, sentem-se impelidos a amar mais os seus irmãos.

Maria é, de certa maneira, **a memória do povo**, porque também viveu de uma maneira muito simples, tem um comportamento muito materno e humano. Por isso, ela desperta no coração dos fiéis atitudes que são fruto e expressão da piedade que os anima. Entre essas atitudes podemos mencionar:

- a) **A confiança:** o povo confia em Maria porque sabe que através dela, lhe chega a graça do seu Filho, a sua misericórdia e o seu perdão.
- b) **A proximidade:** o povo sabe que Maria está perto das suas necessidades; em tantas das nossas casas temos a sua imagem, que é o símbolo da sua proximidade, da sua presença.
- c) **A beleza:** o povo gosta de ver a Maria bonita, por isso a vestem muitas vezes dos mantos mais ricos; quer as suas casas limpas e não poupam esforços para que assim seja.
- d) **O peregrinar:** o povo gosta de procissões e romarias. É fácil compreender o significado: procissões e romarias são uma forma de oração que simbolizam o caminho, ou melhor, o caminhar do homem em direcção a Deus. Às vezes, a procissão encontra-se integrada no interior de uma oração litúrgica, como, por exemplo, no interior da Eucaristia: aí encontramos três procissões pelo menos: a da entrada, a do ofertório, a da comunhão.
- e) **A oração:** a oração a Maria é multiforme. Queria mencionar aqui apenas a mais importante: a do Rosário. Não deve ser interpretado de uma maneira supersticiosa como se fosse um fetiche ou um amuleto. O objecto primeiro de piedade que queremos exprimir através da recitação do Santo Rosário que eu estimo muito, como Marista que sou, não é propriamente Maria, mas a meditação dos acontecimentos ou dos mistérios da vida de Jesus. Com Maria, meditamos os mistérios do seu Filho. Mas ao encontrar o Filho, encontramos também, certamente, a Mãe.

Há outros objectos que também servem para exprimir a devoção a Maria e aos santos, mas aos quais pessoalmente, não presto muita atenção, embora respeite sempre, as pessoas que os utilizam. Mas a mim, francamente, não me ajudam muito. Menciono alguns: medalhas, santinhos, águas milagrosas de santuários marianos, relíquias. O uso destes elementos pode conduzir a exageros que foram mesmo condenados pela Igreja. As devoções podem facilmente misturar-se a superstições e tornarem-se devoções "bizarras" que não estão muito longe de práticas usadas no paganismo. A Igreja chamou muitas dessas devoções, "ridículas".

A título de exemplo, muitas das relíquias que andam por aí são falsas e apenas servem para comércio; os pedaços de madeira que dizem ser da Cruz de Cristo já dariam para fazer muitas cruzes de Cristo; a devoção às algemas de São Pedro quando estive na cadeia, aos sapatos de vários santos, e à camisa de Nossa Senhora... apenas algumas que trivializam a nossa relação com Jesus, Maria e os santos. Situam no mais puro ridículo. Devemos deixar isso de lado, Silvana e agarrar-nos a devoções que atravessarem os séculos, como o Rosário. E aprender outras que nos aconselham hoje em dia: a esmola, a meditação, a leitura da Bíblia. Isso sim, são devoções que vale a pena aprofundar na nossa vida.

No conjunto creio que o nosso povo vive bem a piedade popular e não se deixa levar muito por esquisitices e superstições. Pela experiência que tenho das minhas idas a Fátima e às festas da minha terra sei que, apesar das ambiguidades mencionadas, a piedade popular bem orientada, produz grandes mudanças em nós mesmos pela força interna que a dinamiza, a partir do nosso coração. É bom entrar nela, com um coração pobre e aberto a Maria e aos santos da nossa devoção. A piedade popular pode dinamizar a nossa fé e a prática da nossa caridade. Pode também enriquecer o nosso caminhar para Deus e mostrar a presença do Espírito na sua Igreja, de maneira muito variada e pluriforme. Mas, nem por isso, devíamos esquecer as outras formas de oração, sobretudo a oração litúrgica, com os seus símbolos e sinais.

Silvana, sabes bem que não te esqueço na minha oração. Peço-te que em Fátima não me esqueças também na tua, assim como todos os missionários e professores em geral. Alarga as fronteiras da tua oração também às necessidades dos outros. Será a melhor maneira de Deus ouvir as tuas.

Saúdo-te, como sempre, com um abraço e um beijo amigos.

Teófilo

Piedad popular: Evangelii Nuntiandi n° 48

48. Con ello estamos tocando un aspecto de la evangelización que no puede dejarnos insensibles. Queremos referirnos ahora a esa realidad que suele ser designada en nuestros días con el término de religiosidad popular.

Tanto en las regiones donde la Iglesia está establecida desde hace siglos, como en aquellas donde se está implantando, se descubren en el pueblo expresiones particulares de búsqueda de Dios y de la fe. Consideradas durante largo tiempo como menos puras, y a veces despreciadas, estas expresiones constituyen hoy el objeto de un nuevo descubrimiento casi generalizado. Durante el Sínodo, los obispos estudiaron a fondo el significado de las mismas, con un realismo pastoral y un celo admirable.

La religiosidad popular, hay que confesarlo, tiene ciertamente sus límites. Está expuesta frecuentemente a muchas deformaciones de la religión, es decir, a las supersticiones. Se queda frecuentemente a un nivel de manifestaciones culturales, sin llegar a una verdadera adhesión de fe. Puede incluso conducir a la formación de sectas y poner en peligro la verdadera comunidad eclesial.

Pero cuando está bien orientada, sobre todo mediante una pedagogía de evangelización, contiene muchos valores. Refleja una sed de Dios que solamente los pobres y sencillos pueden conocer. Hace capaz de generosidad y sacrificio hasta el heroísmo, cuando se trata de manifestar la fe. Comporta un

hondo sentido de los atributos profundos de Dios: la paternidad, la providencia, la presencia amorosa y constante. Engendra actitudes interiores que raramente pueden observarse en el mismo grado en quienes no poseen esa religiosidad: paciencia, sentido de la cruz en la vida cotidiana, desapego, aceptación de los demás, devoción. Teniendo en cuenta esos aspectos, la llamamos gustosamente "piedad popular", es decir, religión del pueblo, más bien que religiosidad.

La caridad pastoral debe dictar, a cuantos el Señor ha colocado como jefes de las comunidades eclesiales, las normas de conducta con respecto a esta realidad, a la vez tan rica y tan amenazada. Ante todo, hay que ser sensible a ella, saber percibir sus dimensiones interiores y sus valores innegables, estar dispuesto a ayudarla a superar sus riesgos de desviación. Bien orientada, esta religiosidad popular puede ser cada vez más, para nuestras masas populares, un verdadero encuentro con Dios en Jesucristo.